



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

LAÇO SOCIAL E O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: NOVOS ARRANJOS FRENTE AO MAL-ESTAR

Maria Clara Carneiro Bastos¹; Rogério de Andrade Barros²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: contatomariaclara@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rabarros1@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Laço social; Clínica Psicanalítica; Novos Sintomas.

INTRODUÇÃO

As marcas da contemporaneidade são percebidas na clínica, a partir da efervescência de novas nomenclaturas para as patologias psíquicas. É cada vez mais comum, a presença de termos generalistas que, por muitas vezes, são anexados aos sujeitos sem muito critério. A psicanálise se aproxima desse cenário a partir do princípio ético de fazer surgir o sujeito do inconsciente, sempre singular (BARROS, 2018).

As diferentes formas de apresentação da cultura dão indícios das transformações do mal-estar. Freud (1930/2010) advertiu sobre o irreduzível de cada tempo em “O mal-estar na civilização”, onde o histórico apropria-se do estrutural, para quem o sujeito não é uma substância eterna ou invariante, trans-histórica. É justamente seu avesso: os efeitos de discurso de uma época se inserem na história, tocando sujeitos e mobilizando diferentes invenções frente a uma nova razão social (DARDOT; LAVAL, 2016).

Os marcos e efeitos da contemporaneidade têm colocado em evidência os limites da psicanálise. Os novos sintomas, como tem sido chamadas as novas manifestações do mal-estar no Campo Freudiano, demonstram os impasses de uma prática que se orienta sob transferência. A aposta está em fazer reconstruir o Outro, ali onde impera o mais-degozar, localizando-se o sujeito, assim, no laço social (HARARI, 2018).

Diante da nova ordem social, exige-se uma nova forma de laço. É diante deste *a priori* que este estudo objetiva compreender como se estabelece o laço social na contemporaneidade. Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: realizar uma revisão de literatura sobre o conceito de laço social, articulando-o às discussões dos novos sintomas; elucidar como se estabelece a relação do sujeito contemporâneo com os registros real, simbólico e imaginário; debater sobre o laço social e os efeitos das novas formas de mal-estar na cultura.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que se configura como pesquisa de tipo exploratória. No que tange ao delineamento, se caracteriza como uma pesquisa

bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (1983) a pesquisa bibliográfica “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos” (p. 55). Por se tratar de uma pesquisa em psicanálise, destacam-se particularidades referentes à construção de saber nesse campo. Para tanto, é necessário reconhecer o lugar da psicanálise em denunciar um furo no conhecimento, apontando um não saber sobre o que não se esgota pela via das palavras (RODRIGUES, et. al, 2005).

Os dados coletados na pesquisa bibliográfica (CERVO; BERVIAN, 1983) foram analisados a partir de publicações e estudos acerca do conceito psicanalítico de laço social (LACAN, 1969-1970/1992) e sua atualização na contemporaneidade (BESSET, 2014). Ademais, a publicação respeita a Resolução CONSEPE Nº 098/2020 que institucionalizou o projeto de pesquisa: “Inibições, sintomas e angústias: atualizando o mal-estar”, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise (LAPPSI), onde a presente investigação está vinculada.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A dimensão do mal-estar na contemporaneidade demonstra uma ruptura com a tradição da época vitoriana, período em que Freud funda a psicanálise. Convém, nesse momento, trabalhar os efeitos do contexto atual na constituição subjetiva contemporânea, a fim de delimitar os modos nos quais se apresentam os novos sintomas, os quais demonstram a predominância de uma vertente mais coletiva do que singular.

Compreender que a cultura interfere nas manifestações sintomáticas é um convite à psicanálise estar constantemente revendo sua *práxis*. Não à toa, Lacan (1998) em “Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise” faz uma advertência à prática da psicanálise: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 332).

A linguagem encontra papel central nas formulações de Lacan (1969-1970/1992), sendo eixo para compreensão das manifestações inconscientes e para sua relação com a cultura. A linguagem é apontada como responsável pelo estabelecimento dos laços sociais, pois traz pistas da constituição do sujeito, ao passo que demonstra a iminência de um Outro que realiza o endereçamento de um significante a outro.

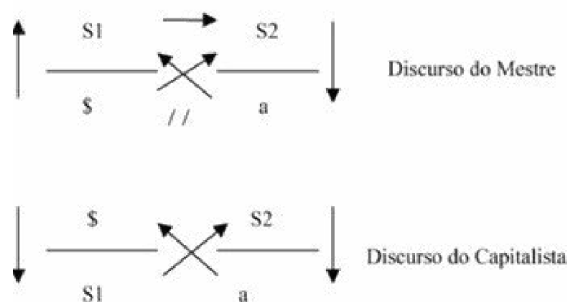
Lacan (1969-1970/1992) desenvolve a estrutura dos discursos, elaborada em “O avesso da psicanálise”. Nesse escrito, ele toma como base três profissões ditas como impossíveis: analisar, educar e governar. A partir delas, traz os discursos do analista, do universitário e do mestre, adicionando um quarto tipo de discurso: o da histérica, o qual permite a entrada em análise. De pronto, Lacan (1972/2008) aponta a relação dos discursos com o laço social, e, traz à tona que os quatro discursos apresentam, sobretudo, o vazio causado pela impossibilidade da linguagem dar conta de tudo.

Na contemporaneidade, há a incidência de um quinto discurso. Lacan (1972/2008) alerta com as transformações culturais, alcança a complexidade da atualidade e formula o discurso capitalista, o qual rechaça a castração à medida que acontece a derrocada do Nome-do-Pai e das grandes instituições reguladoras de gozo irrestrito.

O novo discurso indica a inversão na dinâmica entre S1 e o \$ (sujeito dividido), onde inverte o sujeito no lugar de agente, e a seta se dirige do objeto para o sujeito. Nesse sentido, o discurso capitalista se organiza ao indicar que o laço do sujeito se estabelece com o objeto do consumo. Como demonstra a 1 Imagem.

1. Imagem

O discurso do Mestre e o Discurso do Capitalista



Fonte: Lacan 1992, p. 98

No discurso do mestre, o escravo ocupa o lugar do outro como S2, tendo função de suporte de saber. Obtêm-se como resto a produção do objeto *a*, o que sobra da operação simbólica como resto de gozo não incorporado pelo significante. Entretanto, no discurso do capitalista, imperativo da contemporaneidade, as posições das setas indicam um outro funcionamento, onde o circuito inicia e se fecha nele mesmo. Aqui, não há lugar para outros laços.

Lacan (1974), na Conferência de Milão adverte a relação entre o objeto *a* e o sujeito dividido, pois sob os efeitos desse discurso há a recusa da castração, não havendo espaço para a falta, a partir de onde advém o laço social. No discurso contemporâneo, o sujeito está sob o comando do objeto *a*. A partir do Seminário 4 “A relação com o objeto”, é possível traçar um paralelo, pois onde existia castração e falta, atualmente, há a frustração frente ao objeto *a* que nunca alcança sua meta, e, sempre apresenta uma infinidade de objetos substitutos na tentativa de apaziguar o desespero.

Nesse sentido, o foco do discurso contemporâneo é o gozo, mesmo que esse não tenha um endereçamento concreto, sempre passível de mudanças a partir do imperativo de consumo do capitalismo. Assim, as leis e as figuras centralizadoras vacilam e há uma pluralização dos Nomes-do-Pai. Os efeitos da derrocada do Nome-do-Pai incidem no discurso científico que reafirmam a forclusão da castração e a massificação de nomeações opacas, que não trazem a marca do sentido próprio, mas da generalização.

A urgência contemporânea é definida pelo princípio da utilidade e do bem-estar, tendo como ponto central a prática da medicalização em seu amplo aspecto, o que objetivamente ocasiona a massificação dos sintomas e sua generalização (TARRAB, 2005). Conquanto, a constituição subjetiva contemporânea delimita um modo genérico de articulação do sujeito frente ao mal-estar. Percebe-se um processo incessante de fabricação diagnóstica e de nomeação generalizada de algo que, deveria dizer respeito apenas a singularidade de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A psicanálise se atenta ao caráter ideal dos tipos clínicos e aos efeitos advindos da nomeação, elegendo como objeto de investigação o resto em que o discurso contemporâneo recusa, a saber, o sujeito irrepitível, sempre além das limitações das

classes. Cabe a psicanálise se haver com a singularidade radical, em oposição à universalização que permite a formalização da ciência contemporânea (HARARI, 2018). Aqui, tratamos de uma perspectiva teórica e prática que aponta para o sujeito de direito e dever, “buscando resgatá-lo da condição de objeto a, ao qual ele é frequentemente reduzido nos dispositivos institucionais, para interrogar seu sintoma como criação que faz suplência ao que rateia na constituição do laço social” (VERAS, 2009, p. 9).

Ao analista contemporâneo, cabe construir novas ferramentas para avançar na clínica ante as novas apresentações do mal-estar, tomando como cerne que "o sintoma é o nó da subjetividade" (TIZIO, 2015, p. 27). Concordamos com Tarrab (2005) ao afirmar que “para remover algo desta fixação, há que se reconstruir o Outro” (n.p.). Os estudos freudianos são desenvolvidos através do recorte específico de uma época, deixando estampado que não há caminho benigno ou não danoso, fácil de percorrer e à prova de danos colaterais. Não há caminhos sem angústias. Igualmente, não há cultura sem mal-estar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, RA. (2018). Aquém do sintoma: dor crônica e inibição. Tese [Doutorado em Psicologia] – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BESSET, VL. (2014) Um sujeito no mercado das pílulas [Un tema en el mercado de las píldoras]. Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental, 17(3), 616-625.
- CERVO, AL; BERVIAN, PA. (1983). Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- DARDOT, P; LAVAL, C. (2016). A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo.
- FREUD, S. (2010). O mal-estar na civilização (1929-1930), in Sigmund Freud: Obras Completas, v. 18; Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras.
- HARARI, A. (2018). Fundamentos da prática lacaniana: risco e corpo. Belo Horizonte, MG: Relicário.
- LACAN, J. (1974) Do discurso psicanalítico: conferência de Lacan em Milão. [Conferência].
- LACAN, J. (1992). O seminário - livro 17 – O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1969/1970).
- LACAN, J. (1998) A instância da letra no inconsciente freudiano [La instancia de la letra en el inconsciente freudiano]. In: Escritos. Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957)
- LACAN, J. (1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; p. 873. (Lições originalmente publicadas em 1958).
- LACAN, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MEZÊNICO, MS. (2004). Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. Rev. Psicologia em Revista, v. 10, n. 15, p. 112. Disponível em:
- TARRAB, M. (2005). Produzir novos sintomas. Revista aSEPHallus, (52).
- TIZIO, H. (2015). La función del síntoma. Granada: Editorial Universidad de Granada.
- VERAS, MFAS. (2007) Saúde mental: uma clínica sem privilégios. *CliniCAPS*, 1(3).